



Relato de práticas: na busca por um entender a História.

André do Nascimento Veríssimo*

Artur Henrique Franco Barcelos**

Resumo: Relato, descrição e narração: é o que será apresentado neste artigo. As práticas demonstradas ocorreram em momentos onde o tempo havia se dilatado além de sua notória duração em sala de aula. Essas atividades extras produziram uma nova forma de ver a História e como seu conteúdo deve tocar o aprendiz; todos os fatos que estão entranhados em nossa memória, que jamais serão arrancados de nossa essência, estão misturados aos nossos sentimentos. Não basta a História fazer sentido: ela precisa provocar o sentir.

Palavras-Chave: práticas. História. sentimento.

Abstract: Report, description, narration, that's what will be presented in this article. The demonstrated practices happened in moments when time had stretched beyond its notorious duration in classroom. These extra activities have produced a new way of seeing History and how its content should reach the learner; all facts held by our memory, which will never be grabbed from our spirit, are mixed up with our feelings. It's not enough for History to make sense, it has to call forth the feeling.

Key words: practices. History. feeling.

Introdução

A necessidade de mudanças é uma constante na Educação Escolar. Mudar e obter o mesmo resultado são como trocar a roupa: a essência é a mesma. Infelizmente isto é uma frequência apresentada pelas secretarias de educação: os governos mudam e novas fórmulas surgem como milagres; na verdade não há tempo para saber se as teorias propostas darão

* Mestrando em História Profissional pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Professor de História, atuando na rede pública do estado do Rio Grande do Sul; historiaverissimo@yahoo.com.br.

** Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil(2006) Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande , Brasil; ahbarcelos@hotmail.com.



resultado: primeiro, batem de frente com a desconfiança, natural e compreensível do corpo docente (claro, má vontade também), e, segundo, quando parecem fazer algum sentido, os mandatários, eleitos pelo sufrágio universal, mudam levando todo séquito, e, aos vencedores da *peleja*, cabe o direito para implantação de novas idéias. Docentes e discentes tornam-se verdadeiros ratos de laboratório e elementos compulsórios de propaganda partidária.

Mudanças são produzidas para que objetivos sejam alcançados. Pela minha experiência de trabalho, os objetivos dos governos com suas *permanentes* mudanças não são, definitivamente, uma melhora na educação. Não existe um comprometimento real. E, pensando de forma utópica, entre os partidos (embora o significado para ‘partido’ é justamente ‘uma parte’) deveria existir um acordo para com as ideias realmente aplicáveis, que fazem sentido e que podem realmente dar resultados; todos trabalham em prol do bem comum, ou não?

‘*Mudanças são produzidas para que objetivos sejam alcançados*’. A mensagem, desenvolvida em sala de aula, deve ser compreendida. Os meios, as formas de trabalho, devem ser reinventados para o alcance da meta: “- O meu aluno compreende.” O tempo verbal é fundamentalmente o presente: “- Ele (ela) compreende, sabe, faz, deseja.” Mesmo para avaliações na Disciplina História, devemos subverter o tempo passado, tornando-o uma ferramenta para o hoje.

Tudo aquilo feito ou dito, como algo para um período de tempo pré-determinado, parece estabelecer um “prazo de validade”: *fez, entendeu e acabou*. Mas antes que novas avaliações sejam propostas, é capital perpetrar que a permanência do conhecimento, ou melhor, do querer conhecer. Sou totalmente contra o ‘*vomitório conteudista*’.

Um historiador que não defende o passado? Amo o passado e tudo que ele me transmite, não somente como conhecimento, mas com a emoção carregada pelo conhecimento. É justamente quando trabalhamos com o sentimento, e, não somente com a obrigação de fazer, tudo que é construído permanece. Como não aproveitar a *inteligente e sensível* letra da canção ‘Here's To You’ (“Isto (aqui) é para você”), de Brooke Fraser¹:

Um brinde às rugas do nosso rosto
Para cada vitória duramente conquistada
Um brinde às perdas que nos fizeram crescer
Que mataram nosso orgulho e encheram nossas taças

¹ Brooke Gabrielle Fraser Ligertwood mais conhecida como Brooke Fraser (nascida em 15 de Dezembro de 1983 em Wellington, Nova Zelândia) é uma cantora de origem da Nova Zelândia. Ela é integrante do grupo Hillsong United e também canta solo.



Um brinde às amizades bem gastas
Que o tempo e a distância não alteram
(...)
Bons tempos de companhia e memória

(...)
Um brinde à passagem da nossa juventude
(...)
Este é o meu legado
(FRASER, 'Here's To You', 2010)

Não estou negligenciando o conteúdo. Ele deve ser um ponto de partida para compreensão do presente, uma visão ampla do hoje. A História precisa ser transformada na *ferramenta* de percepção do presente, em algo realmente útil (eu, como professor, e historiador, creio totalmente nesta sua utilidade) na sala de aula; mas é primordial que o alunato fundamentalmente enxergue desta forma. E os sentimentos servem perfeitamente como aglutinadores para que a memória não abandone a informação (estou falando da essência, não da *decoreba de nomes, fatos e datas*).

Repetindo algumas passagens da letra de Brooke Gabrielle Fraser, '*Um brinde às rugas do nosso rosto; (...); Um brinde às perdas que nos fizeram crescer; (...) Um brinde à passagem da nossa juventude; (...)*'. Sempre que realizei trabalhos que envolviam o local, a *aldeia* de meus alunos, os resultados foram surpreendentes. Como afirmam Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli:

A valorização da história local pelos historiadores teve reflexos nas propostas curriculares nacionais, como se pode observar nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental (1997-1998) e para o ensino médio (1999), nos quais as atividades relacionadas com o estudo do meio e da localidade são, enfaticamente, indicadas como renovadoras para o ensino da História e salutareas para o desenvolvimento da aprendizagem (SCHMIDT, CAINELLI, 2009, p. 138).

A memória de meus alunos parecia algo inédito para mim, como um novo ser vivo para ser classificado avidamente pela Ciência. Abordar o passado sem perder a conexão com o presente; mas o presente local. Falar de conteúdos distantes de suas realidades, por mais que eu *puxasse* para o momento atual, e tentar produzir algum sentido imediato, era como macarrão pré-pronto: rapidamente engolido, com gosto artificial, facilmente esquecido, sendo então rejeitado pelo seu profundo interior e logo *descartado* em *algum buraco*.



Se, como profissionais de sala de aula, construirmos o elo entre *passado, sentimentos, presente e a localidade*, dos nossos alunos, colocaremos em suas almas uma força que vai tirá-los de toda e qualquer letargia, dando-lhes a verdadeira consciência do que é ser sujeito histórico. Poderão ir além com suas mentes, relacionar o velho e o novo, o distante e o perto, o ontem e o agora; mas fundamentalmente não esquecer que história é vida, portanto envolve a essência do ser humano.

1. Deu Xibum !!!

Antes de qualquer coisa, cabe ressaltar que não estou relatando algo excepcional; mas para quem estava trabalhando com o básico, durante mais de dez anos, qualquer atividade diferenciada realmente trazia *um gás* para uma rotina que se tornava cada vez mais torturante, modelando uma sensação de inutilidade extrema.

O primeiro, dos trabalhos onde externei a aflição máxima de realizar algo diferente, anormal e desigual, foi em uma atividade interdisciplinar com a professora, de Língua Portuguesa, e grande amiga, Rosane Alves Rodrigues, ainda hoje colega de escola. A iniciativa aconteceu durante uma campanha de prevenção à gravidez na adolescência e às doenças sexualmente transmissíveis, com turmas de sétima série (hoje, oitavo ano). Pacientemente minha amiga ouviu as minhas queixas com relação à mesmice de meu trabalho na sala de aula. Ela, como excelente profissional que foi, é, e continua sendo, sempre trabalhou com teatro, incluindo pequenos esquetes. Combinamos a parceria, onde o papel de *escritor* ficaria por minha conta e risco, e, a direção, a cargo dela.

Inspirado pelo filme ‘Everything You Always Wanted to Know About Sex (But Were Afraid to Ask)’ ou Tudo o que Você Sempre Quis Saber Sobre Sexo (Mas Tinha Medo de Perguntar), escrito e dirigido por Woody Allen², em 1972, e baseado no livro de David

² Woody Allen, nome artístico de Allan Stewart Königsberg: cineasta, roteirista, escritor, ator e músico norte-americano. Dirige seu primeiro filme ‘O Que Há, Tigresa?’, em 1966. A consagração ocorre em 1977, com a comédia dramática ‘Noivo Neurótico, Noiva Nervosa’ (Annie Hall), atuando ao lado da atriz Diane Keaton.



Reuben³. O site 'Wikipédia' resume bem o sétimo e último segmento, o qual tomei como referência para a produção do esquete⁴:

7º Segmento: What Happens During Ejaculation? (O que acontece durante a ejaculação?) - O interior do corpo humano masculino é mostrado como um veículo cujas funções são controladas em diversos compartimentos nos quais uma grande tripulação realiza várias tarefas e opera diferentes máquinas (parodiando organizações tecnológicas como a NASA). As operações mostradas envolvem a situação de um encontro amoroso do homem com uma mulher (Erin Fleming) e são descritos todos os esforços da tripulação com o objetivo de alcançarem um coito bem-sucedido. O chefe de operações que fica no cérebro é interpretado por Tony Randall; o seu auxiliar operador do painel de controle é Burt Reynolds. Os espermatozoides (um deles interpretado por Allen, que teme o "desconhecido") agem como paraquedistas se preparando para os saltos.

Embora eu pudesse tratar a *intervenção* como uma espécie de *História Social Contemporânea*, a verdade é que, após tanto tempo fazendo mais do mesmo, foi extremamente gratificante ver os alunos envolvidos, e, a atenção dada pela *plateia, formada por toda comunidade escolar*, nas várias apresentações. Transcrevo, a seguir, o texto original:

Deu Xibum !!!

1. Espermatozoides conversam no momento do ato sexual:

- Não paramos 'pra' ninguém [em coro]!
- Bis.
- Bis.

Ou alternando com:

- 'Vamu' vaza [em coro]!
- Bis
- Bis

2. Espermatozoide líder:

- Não!!! É furada!!! Para o trem!!!

3. O restante do grupo:

³ David Reuben: médico, perito em sexo e autor do livro "Tudo o que Você Sempre Quis Saber Sobre Sexo (Mas Tinha medo de Perguntar)".

⁴ Esquete, do inglês *sketch*: pequenas peças ou cenas dramáticas, geralmente cômicas, com menos de dez minutos de apresentação.



- ‘*Parô*’ por quê? Sai da frente! Pisaram na minha cola! Tem muita *gente*! Tão mi *cochando*! Tenho medo de lugar fechado!

4. Espermatozoide líder:

- Não tem camisinha!!!

5. O grupo:

- Aí turma, ‘*parô*’ mesmo! ‘Tá’ sem preservativo!
- Perdi a vontade! Que droga!
- Tem muita pressão! ‘*Vamu*’ assim mesmo que ‘*tô*’ ficando sem ar!

[O grupo se divide]

6. Grupo do bloqueio / com espermatozoide líder:

- E se o outro lado tiver ‘DST’!?
- E se aqui tiver ‘DST’!?

7. Grupo do *não tá nem aí*:

- O que é uma DST?
- [Respostas ridículas] Deus Sabe Tudo; ‘*Denovo*’ Sem Terra; Doce Sem Tempero ...

8. Grupo do bloqueio:

- Doenças Sexualmente Transmissíveis.

9. Grupo do *não tá nem aí*:

- Podem estar no meio de nós!!!
- Como reconhecê-las? Somos tantos que nós mesmos não nos conhecemos! Eu não te conheço! Também não te conheço! Também não te conheço! [os espermatozoides apontam para todos os companheiros]

10. Grupo do bloqueio:

- Não esqueçam a paternidade!



- Um de nós pode ser transformado em uma criança!

11. Grupo do *não tá nem aí*:

- O que é uma criança?

12. Grupo do bloqueio:

- Eles choram, comem, são vestidos e precisam ser amados!

13. Grupo do *não tá nem aí*:

- ‘Qualé’ o problema?

14. Grupo do bloqueio:

- Nosso padrão é tão novo que ainda chora e precisa de dinheiro para comer e vestir!

Ele não pode criar se ainda é criado!

15. Grupo do *não tá nem aí*:

- Eu é que não quero ser filho dele! Nem eu! Nem eu! Nem eu! Nem eu! Nem eu!

Nem eu! [*todos os espermatozoides, em desespero*]

- Greve! Greve! Greve! [*todos os espermatozoides em coro*]

16. Grupo do bloqueio:

- Avisem a cambada neurônica lá de cima! [No mesmo instante chega um ‘*neurofax*’ da ‘*neurolândia*’]

17. Neurônio [entregando o ‘*neurofax*’]:

- Aí ó, quem é o responsável?

18. Espermatozoide líder [após abrir a correspondência]:

- ‘*Vamu acalmá*’ que a coisa caiu! DEU XIBUM!

19. Todo o grupo:

- *Xibum???*



20. Espermatozoide líder:

- A companheira do patrão, quando viu que não tinha camisinha, gritou: “ *Xiii !!!*” - saiu batendo a porta: “ *Bum !!!*”

2. Vidas nas paredes

Buscando essa ‘sentir’, essa união entre sentimento, emoção e conhecimento histórico, visando a que o meu aluno *incorpore* e se reconheça um sujeito que *é pura história*, em 2008, para a Mostra Cultural da Escola Nossa Senhora Medianeira, da rede estadual do estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande, eu determinei que cada estudante da quinta série (hoje, 6º ano) e da sexta série (hoje, 7º ano), sendo quatro turmas para cada adiantamento, resgatasse, na sua casa, uma fotografia.

A fotografia, como forma concreta para a captação visual de um instante: ‘*e o que os olhos vêem o coração sente*’.

Cada indivíduo, de cada sala de aula, de cada turma que trabalhou comigo naquele ano, deveria me trazer uma fotografia que fosse de extremo significado pessoal, mesmo que ele próprio não estivesse na imagem resgatada, não importando quando fosse tirada.

Para complementar a Mostra daquele ano, na mesma sala onde as fotos foram expostas, elaborei um *pequeno museu* através de peças emprestadas pelas famílias de meus aprendentes. Claro, foi uma participação mínima (mesmo com a medíocre compensação dada pela polpuda nota adicional; digo medíocre – e o meu oferecimento também – pois raramente existe uma participação espontânea sem a exigência de ‘algo’ em troca), tanto que necessitei buscar em outra escola, onde ainda leciono, todas as peças do pequeno ‘*museu de bolso*’ que eu havia montado. Que não existe mais, pois devido à falta de recursos (para o devido acondicionamento e proteção), à falta de tempo (mesmo sendo elaborado um projeto a minha carga horária deveria ser toda preenchida em sala de aula, *não para outra forma de produção de conhecimento* – na verdade, a proposta não fora entendida como uma verdadeira produção de conhecimento histórico), e, infelizmente, aos constantes *subterfúgios* de pequenos e indefesos artefatos (moedas, selos e outras de mínimo tamanho).



Devido a reação de alguns discentes, *para com o 'antigo' – ou velho*, sendo a palavra jogada como pedra em uma vidraça -, o preconceito para com objetos que não façam mais parte de seus cotidianos, e a própria repercussão da Mostra, elaborei uma pequena crônica que transcrevo a seguir:

'Para aqueles que apenas olham...

Quantos estiveram caminhando nos espaços que determinamos como 'Museus'? Provavelmente bem menos que o próprio espaço gostaria, pois sua finalidade é ser preenchido: inundado por pessoas que saibam ver. Não apenas "cacarecos e coisas velhas", pois um museu vai muito além de uma aparência sustentada por carcaças mortas.

Quem olha desta forma está completamente cego pela ignorância; não uma ignorância alimentada pela falta de conhecimento, mas uma ignorância de sentimentos, de alma.

Para muitos é necessária uma mudança de postura para com o passado, para o tempo enfim. Quem vê apenas matéria esquece que cada objeto exposto, fabricado pela humanidade, serviu como utensílio para um indivíduo que constituiu (ou ainda constitui) essa mesma humanidade. 'Ela / Ele' tiveram uma vida com sonhos, desejos, tristezas, felicidades, amor, ódio... quem sabe?...; como pais, avós, tios, irmãos ... Viveram.

O objeto legado para o museu não representa um passado morto. Por trás de cada peça apresentada existiu uma vida, exatamente igual a sua que agora lê tal defesa ou protesto - como queira chamar pouco importa. Portanto não conclua que aquilo que está em sua frente, nesse espaço, seja uma peça morta. Na verdade, são pedaços de existências imortalizadas pelos olhos daqueles que conseguirão romper com o preconceito estabelecido pelo tempo. E quanto mais longa a vida de qualquer objeto maior será sua história, maiores serão as almas que compartilharão o meio em que ele se encontra e respeitarão seu direito de existir como uma exaltação ao presente, um elogio ao próprio tempo decorrido entre o nascimento e morte de qualquer ser humano'.

Bom, com relação às imagens pessoais. O objetivo foi resgatar um momento especial na vida de cada aluno, procurando demonstrar, através de suas vidas, a importância da História e a História mais importante, no caso, a história de vida deles, dos meus alunos. Houve um planejamento inicial: as fotos seriam ampliadas, na fotocopadora da escola, para o tamanho A4 (ampliações coloridas ficariam por conta dos próprios alunos interessados).



Seriam identificadas e acompanhadas de uma justificativa para o motivo da predileção daquela imagem.

Ah, o Tempo: *Espectro* que rouba constantemente momentos de maior duração em nossas vidas. Não houve o devido *tempo* para digitar as identificações e as justificativas (em tamanhos consideráveis para acompanhar cada imagem correspondente). Mas o resultado final surpreendeu a todos. Duas paredes de uma sala de aula, utilizadas para *As Vidas De Meus Aprendentes*, vidas em paredes, ficaram completamente preenchidas, vivas.

Quando da visitação por parte de pais e responsáveis, na busca pela imagem escolhida pelo filho, filha, tutelado e tutelada, houve a descoberta de outras vidas, de outros momentos esquecidos de suas existências. Não existe outra ciência que acolhe a *Vida*, em toda a sua plenitude, como a História: de uma forma descarada, abusada; mas por muitos..., pouco percebida.

3. Patrimônio, memória e sala de aula

Estátuas, bustos, praças e prédios. Esquecimento e memória.

É comum o trabalho, construído pelo professor de História, olhar além da ‘casa’ do seu educando. É a História do Mundo, a dita História Geral, História do Brasil e, em escala praticamente nula, o próprio estado.

Como exigir o respeito ao passado se não ensinamos sobre esse passado. Na verdade é um período que não pode ser esquecido porque não foi mostrado. Quanto de nosso patrimônio foi ‘exterminado’, sem que ocorressem movimentos significativos em contrário?

Devemos parar de direcionar nossos olhares para ‘a casa dos outros’. Não que suas histórias não tenham significados e legados para a nossa própria realidade. Mas quanto mais antiga e mais distante for a História menos significativa ela será. E a nossa memória, a memória do ‘nosso quintal’?

Memória e identidade não são somente resgatadas, mas construídas. Os livros, normalmente utilizados, possuem conteúdos selecionados, construídos a partir de uma memória escolhida.



A memória dos educandos está em formação, em evolução. A sala de aula é um dos espaços para a construção da memória (a família deveria ser o primeiro espaço). O professor contribui com memórias que não estão presentes no espaço original do seu aluno. E fragmentadas, pois a sequência apresentada pula eras, fatos e coloca a ‘História dos Outros’ acima da História Básica, Pessoal, Local, dos *aprendentes*.

Por que, então, ele deveria respeitar a própria História, o seu ambiente, a sua casa? É exigida uma postura que não é ensinada, demonstrada e valorizada. Como reverter? Qual o papel do docente de História no processo de resgate da memória local, do patrimônio? Total, já respondendo.

Mas, antes de ser demonstrado tal comprometimento, é necessário apresentar o núcleo inicial, a família. A família tem que apontar sua própria História, a sua memória. É indispensável estabelecer a importância do preservar o passado. Através de fotografias, objetos (vestígios materiais como certidão de casamento, boletins escolares, etc.) e *histórias* (*casos* contados pelos mais velhos; a boa e velha História Oral). E conhecer onde mora (não só pela funcionalidade e segurança): o nome da rua, pontos de referências com as casas mais *velhas* (estabelecendo uma importância para o que não é novo), conversar com moradores mais antigos para conhecer o histórico de onde reside.

Antes de apresentar a sua visão sobre memória, cultura e preservação do patrimônio, o professor deve resgatar o papel das famílias e conhecer o quanto elas falaram para os seus filhos (ou tutelados). É imperioso desenvolver a consciência histórica. Estar ciente. Saber o próprio papel, enquanto sujeito, na História. Os professores (pedagogos raramente comprometidos com a ciência História), do atual quinto ano (quarta série), começam de *forma correta*, trabalhando o núcleo familiar, Rio Grande e Rio Grande do Sul. Aí ocorre o *salto de qualidade* promovido por nós, historiadores, especialistas, que passamos a mostrar o mundo. Estou *claramente ironizando*, não estou, de forma alguma tecendo algum elogio. Deveríamos dar sequência ao que fora apresentado inicialmente. E complementado aquele trabalho de base.

Fico tentando imaginar a cabeça dos nossos *aprendentes*, tentando assimilar essa mudança, esse corte, esse massacre mental. Sabemos (pelo menos penso que sabemos) o quanto uma ordem é premente no desenvolvimento de uma criança, que faça um sentido capital. Nós, historiadores, quebramos essa ordem; *ajudamos*, inclusive, na desestabilização da identidade do nosso aluno.



Lembrem, é a nossa função. Nosso aluno possuía uma única professora, que havia se tornado uma *tia* (tudo bem: é professora); afinal ele, ela (o aprendente), passava o tempo todo com seus pais (nesse momento disserto em cima de um padrão, não de uma realidade); de repente, todo um período com uma mulher (ainda raramente um homem), totalmente desconhecida, uma estranha, que estabelece limites, leva ao banheiro, alimenta, fornece gratuitamente carinho e, ainda por cima, brinca. Muitos poderiam pensar *'se não é a minha mãe, bem que poderia ser'*. Pronto, está adotada a professora: é alguém da família, uma tia. Então, o primeiro ato de *violência* cometido pela escola: os professores da *área* são apresentados (*'- Quero a minha tia!'*). Cada qual com sua verdade. Enfim ele aparece, o profissional de História: empolgado, empolado, embebido de um conhecimento total sobre a humanidade, sobre o universo, totalmente ensandecido e quase descontrolado. Tem a total certeza que o conteúdo que desenvolve é fenomenal, afinal ele não somente mostra o mundo, ele mostra outros mundos. Ele, ela (o professor, a professora), pensa *'- Como não gostar de mim e daquilo que ensino?'*. Somos alimentados por um ego que nos engole facilmente; ficamos cegos pela pretensa grandiosidade daquilo que a disciplina alardeia. Não enxergamos o quanto é verdadeiramente grande o que podemos ensinar, a *História que deveríamos e como deveríamos apresentar*.

A Escola, e nós, loucos ou não, professores de História, Historiadores, devemos estabelecer, ajudar na construção de uma identidade que ser perde (*'Os Caçadores da Identidade Perdida'*). É a base necessária para que o educando valorize, no futuro, a *História Total*, e passe a ter noção que é sujeito ativo dessa *História Total* que pretensamente desejamos ensinar. Esquecemos como funciona a construção de qualquer edificação: o alicerce, a base vem em primeiro lugar. E o bairro do nosso aluno (poderíamos começar trabalhando, inclusive, a noção de família)? A sua casa, como um patrimônio inicial? *Lentamente* ampliaríamos a visão de tudo aquilo que, descontroladamente, desejamos que ele (o aluno) veja. À medida que nos afastamos do ponto inicial, como o universo após o *Big Bang, do seu tempo e espaço*, devemos estabelecer outra construção, uma ligação, uma ponte permanente com o presente, a vida, o local do aprendente, palpável, que, bem ou mal, faz sentido. Como a vida e o tempo de outros podem fazer algum sentido, serem conhecidas, sem que haja uma ligação com a realidade do nosso discente. Há muito penso que contribuimos (*ignorância fantasiada de conhecimento amplo e irrestrito?*) na mutilação de identidades.



Em 2009, em outra Mostra Cultural da Escola Medianeira, com o objetivo de fazer o aluno compreender o seu papel como sujeito histórico, estabelecendo, para ele, uma identidade com o lugar em que vive, com a História a que pertence, foi proposto a seguinte tarefa: fotografar a própria casa (o exterior), ou a rua, ou bairro de residência. De forma alguma deveriam resgatar o *patrimônio comum, os monumentos históricos ou prédios considerados como tal* (não possuem significado algum para o meu aluno – vergonhosamente pouco havia trabalhado com tal perspectiva).

As fotos, devidamente identificadas, foram apresentadas em uma sala e projetadas entre as imagens de épocas passadas e do presente da cidade de Rio Grande (havia, também, um mapa ampliado da cidade, para que pudessem efetuar a devida situação espacial de seus lares). Em cada apresentação, alunos, professores, funcionários da escola, responsáveis, e outros visitantes, deveriam compreender a ligação entre ‘o que foi’ e ‘o como está hoje’. Compreendendo que o seu patrimônio presente e o patrimônio cultural, os bens culturais, devem ser valorizados da mesma forma. Que a sua vida presente não pode ser dissociada do passado ou do futuro onde vive. Que o *tempo*, na História, possui *três personalidades (passado, presente e futuro)*, mas todas dentro do mesmo *indivíduo*, seja a ciência histórica na sala de *aprendizagem*, seja a vida do sujeito histórico fora do meio ambiente limitado desta mesma sala de aula.

4. Sinergia

Em 2010 e 2011 eu produzi mostras (na mesma escola) sem a participação do aluno, apenas como discente preocupado em falar sobre a sua disciplina. Em 2010 foram projetadas imagens sobre os anos 50, 60 e 70 (acompanhadas do Rock’n Roll no período), sobre todos os aspectos possíveis que envolvem a vida humana. Promoveu a curiosidade dos mais novos e a saudade dos mais velhos. Sensibilizou. ‘Ah, o Tempo: Espectro que rouba constantemente momentos de maior duração em nossas vidas’. Era como se o Tempo parasse, e o seu passar fosse entendido (promover tal consciência é muito difícil – em raros momentos esse *insight*⁵

⁵ (...) intuição. (...). É definida como um modo de conhecimento imediato, apreensão direta, (...) da realidade das coisas ou da verdade dos conceitos, por oposição ao conhecimento discursivo ou o



surge). É tão *trincado* descrever a passagem do tempo que gostaria de ‘ilustrar’ tal dificuldade através de primeira estrofe da ‘*Poética*’, de Vinícius de Moraes, com a devida interpretação do professor Dílson Catarino⁶.

Poética

De manhã escureço
De dia tardo
De tarde anoiteço
De noite ardo.

(...)

Na primeira estrofe, o poeta estabeleceu uma conexão entre os espaços de tempo que instituem o dia (manhã, tarde, de e noite), a fim de caracterizar a passagem do tempo. Trabalhou com a antítese, demonstrando que a sequência temporal que forma a vida é cheia de contrastes, de negação: manhã x escureço, talvez por interpretar manhã como o início, a inexperiência; tarde x anoiteço, talvez por interpretar anoiteço, como cobrir de trevas (um dos significados, figurado, de trevas é estupidez, ignorância; noite x ardo (perceba que arder, além de significar consumir-se em chamas, também significa estar aceso). É a ambiguidade da vida: no início, a inexperiência marca nosso viver; na adolescência, a ignorância, a habilidade, a prática da vida.

Em 2011, Eu e o ‘*Windows Movie Maker*’ fomos além, com relação à explorar o ‘*Passar do Tempo*’. Montei um vídeo, sobre a História Universal, explorando desde o início do universo até um possível futuro (trailer do filme ‘*2001, Uma Odisseia no Espaço*’). A montagem (infelizmente terei que refazê-la, pois uma falha, na HD de meu computador, não permitiu salvar, *todas as fontes empregadas*, como um único vídeo – e compartilhar no *youtube*), finalizada, seguiu o seguinte roteiro (os trechos numerados são os textos que antecedem ou procedem as partes dos filmes selecionadas para a montagem):

[música: A Morte de Arthur , de Richard Wagner]

1. O Departamento de História da Escola Medianeira apresenta:
2. SINERGIA: HISTÓRIA, CINEMA E MÚSICA.
3. Roteiro, Edição, Seleção Musical e Direção: André Veríssimo.

raciocínio. É "uma apreensão imediata pela mente sem raciocínio". (...); <http://www.dicionarioinformal.com.br/insight>.

⁶ Graduado em Letras e em Pedagogia. Pós-graduado em Psicopedagogia. Especialista em Ética e Valores Morais na Educação. Autor de três livros de poesias e dos livros pedagógicos ‘O Caçador de Sabedoria’ e ‘Ortografia’. Autor da coluna ‘Todas as respostas’, no programa Vitrine Revista, comandado por Sara Presoto na Rede Bandeirantes de Televisão local, e do programa Saber, da Multi TV, TV a cabo de Londrina, PR. Autor da coluna ‘Educar-se’ na Folha de Londrina e no Portal Bonde. Criador e mantenedor do site Gramatica On-line, desde 1999 na rede; <http://dilsoncatarino.blogspot.com.br>.



4. Sinergia: a soma das partes é maior do que o todo, porque as energias se unem para um fim comum.

[trilha sonora original do filme 'Final Fantasy: The Spirits Within', track: 'Code Red', de Elliot Goldenthal]

5. O Princípio, o Big Bang, a formação de TUDO ...

[My 3D Animation of Big Bang Theory. Disponível em <
<http://www.youtube.com/watch?v=YJJK9x1Ffhw> >. Acesso em 09.09.2011]

[música: An Epic Age, do álbum 'Trailerhead', da empresa musical 'Immediate Music'⁷]

6. Dinossauros: surgiram há 230 milhões de anos atrás. Desapareceram há 65 milhões de anos.

[trailer do filme: 'Dinossauro'⁸. Disponível em
<<http://www.youtube.com/watch?v=sCqYuBIFE5I> >. Acesso em 09.09.2011].

[músicas: 'O Elefante', em 'O Carnaval dos Animais', de Camille Saint-Saëns, e, trilha sonora original do filme 'Daybreakers', track 'Ambush', de Christopher Gordon]

7. 5 milhões de anos atrás: Australopithecus: até o momento a espécie mais antiga que 'pode ter algum parentesco' com a espécie humana atual.

[filme: '2001: A Space Odyssey'⁹; sequência: 'o surgimento do homem' – *ripado* do DVD original]

[música: trilha sonora original do filme '2001 A Sapce Odyssey', Also Sprach Zarathustra, de Richard Strauss]

8. E a humanidade 'evoluiu', não só para o domínio do planeta, mas para o conflito com sua própria espécie. A batalha das Termópilas, em 480 antes de Cristo, na Grécia. Ali, 300 espartanos sob o comando de Leônidas, enfrentaram milhares de persas.

[filme: '300'¹⁰; sequência da 'primeira batalha contra os persas' – *ripado* do DVD original]

⁷ Immediate Music é uma empresa musical sediada em Santa Monica, Los Angeles. (...) Desde 1992, fora licenciadas as músicas da Immediate Music para trailers comerciais tanto para a TV quanto para o cinema. Suas músicas em coros e orquestras foram muito usadas em propagandas comerciais de grandes empresas, incluindo a Walt Disney Pictures, Paramount Pictures, Sony Pictures, 20th Century Fox e a DreamWorks. (...); http://pt.wikipedia.org/wiki/Immediate_Music.

⁸ Dinossauro (em inglês: Dinosaur) é um filme norte-americano de animação de 2000 produzido pela Walt Disney Pictures. É o trigésimo-nono longa metragem do gênero dos estúdios Disney e foi lançado nos cinemas dos EUA em 19 de Maio de 2000. O filme acabou tendo um orçamento de 130 milhões de dólares e se tornou na época, o mais caro filme de animação já feito; [http://pt.wikipedia.org/wiki/Dinossauro_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dinossauro_(filme)).

⁹ 2001: A Space Odyssey (2001 - Uma Odisseia no Espaço no Brasil) é um filme americano de 1968, dirigido e produzido por Stanley Kubrick, co-escrito por Kubrick e Arthur C. Clarke. O filme lida com os elementos temáticos da evolução humana, tecnologia, inteligência artificial e vida extraterrestre (...). http://pt.wikipedia.org/wiki/2001:_A_Space_Odyssey.



[música: trilha sonora original do filme ‘Águila Roja’, track ‘Himno De Los Tercios’, de Daniel Sánchez de la Hera]

9. A História não precisa de exércitos para ser escrita. Bastam ‘Três Homens em Conflito’.

[filme: ‘Il buono, il brutto, il cattivo’¹¹ (Três Homens em Conflito), sequencia: ‘L'estasi Dell'Oro’, ou o ‘Êxtase do Ouro’ – ripado do DVD original]

[música: trilha sonora original do filme ‘Il buono, il brutto, il cattivo (Três Homens em Conflito), track ‘L'estasi Dell'Oro’, de Ennio Morricone]

10. Mas, somos uma espécie de muitas faces e fases. Continuamos existindo porque ainda são muitos os que acreditam em nossa Humanidade.

[músicas: trilha sonora original do filme ‘The Ghost and the Darkness’, track: ‘Welcome To Tsavo’, de Jerry Goldmith, e, Stand By Me, para ‘Playing For Change Song Around the World’¹² – sendo esta última executada pelo próprio *clip* aproveitado na montagem]

11. Esta canção diz: Não importa quem você é, não importa aonde você vá em vida, em algum momento você vai precisar de alguém, para ficar com você. Quando a noite vem. E a terra é escura. E essa lua é a única luz que veremos. Não eu não vou ter medo. Não vou não, derramar uma lágrima. Desde que pessoas como vocês, fiquem ao meu lado.

12. E a História não tem um Fim. O Futuro é uma constante, sempre preso ao Passado...

[trailer e música: Mind Heist, de Zach Hemsey, para ‘2001 A Space Odyssey’, enviado em 21/01/2011 para o *youtube*]

13. Sinergia: a Ação em conjunto, de Vidas separadas, para obtenção de um mesmo objetivo.

14. História é Sinergia, onde somos Partes Fundamentais do Todo. Nós Formamos o Todo, Nós Somos a História.

¹⁰ 300 é um filme americano baseado na banda desenhada (história em quadrinhos) homônima de Frank Miller sobre a Batalha das Termópilas. Trata-se de um filme com vários estilos cinematográficos evidenciando-se a animação ao estilo de uma banda desenhada. (...). [http://pt.wikipedia.org/wiki/300_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/300_(filme)).

¹¹ Il buono, il brutto, il cattivo (Três Homens em Conflito (título no Brasil) (...) é um filme italiano de 1966, o mais conhecido western spaghetti e o último da trilogia dos dólares de Sergio Leone, que inclui Per un pugno di dollari (Por um Punhado de Dólares) e Per qualche dollaro in più (Por uns Dólares a Mais). É considerado pela crítica e pelos fãs como um dos melhores westerns de toda a história do cinema. (...). http://pt.wikipedia.org/wiki/Il_buono,_il_brutto,_il_cattivo.

¹² Playing for change é a extraordinária reunião entre Músicos e Vocalistas de diversas partes do mundo, utilizando a inovadora tecnologia de Vídeo e áudio Móvel, o projeto captura imagens de vários artistas individualmente tocando a mesma música em várias partes diferentes do mundo. (...). O intuito desse projeto é trazer reflexão, inspirar, conectar as pessoas e trazer paz ao mundo através das belas músicas inclusas no projeto que leva o nome de ‘Playing for Change’; em português ‘Tocando por Mudança’. <http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/2641175/playing-for-change-songs-around-the-world>.



15. E a História não tem um Fim. É um círculo, onde os pontos que marcam o início e o término se misturam. São muitos os pontos. Nenhum deve ser esquecido...

[These Boots Are Made For Walking, Nancy Sinatra; enquanto é projetada uma série de imagens para uma *revisão cronológica, até o momento final, quando o planeta Terra chega à marca de sete bilhões de habitantes*].

Conclusão

A História parece engolir a História. Uma multiplicidade de conceitos a colocam como uma ciência que pode representar o ‘tudo possível’ de toda a ação humana. Afirmar que uma ideia para definir a ciência História é subjetiva, é relativo. Pois sendo um processo cognitivo a definição pessoal praticamente não existe, é consequência de pensamentos anteriormente elaborados por outros. A Historiografia, como interpretação, portanto uma ação subjetiva, possui a perene função de representação desse tentar entender o registro do fazer, do pensar humano. É a reflexão sobre a reflexão. Todo historiador possui uma motivação. O foco, a concentração do *seu fazer* (a busca por provas, fontes) e *seu pensar* (a análise dos restos) refletem essa motivação que faz parte do tempo do historiador e não do objeto pesquisado. Estudar a forma como um fato foi reconstruído é ir além, é entender também quem o reconstrói.

Mas como passar para o discente esta reconstrução? Como fazer com que um acontecimento passado seja entendido no presente? Como fazer com que ele tenha alguma função neste instante chamado, provisoriamente, *agora*? Um presente que é quase inexistente, na sombra de toda razão que possa ser colocada como antítese ao hoje, ou como base para o hoje. Fazer a ligação entre o ontem e o momento atual é uma tarefa realmente ingrata, pois as mentes que tentamos encher, com novas perspectivas, já estão lotadas com preconceitos que determinam como prático, quando muito, apenas conhecer a fração do tempo que nos cerca (e que nos resta).

Mas afirmo, com toda certeza, pela prática e convivência de quase duas décadas não somente com meus alunos (em uma visão bem ampliada sendo, também, pai), mas com os seus responsáveis, toda e qualquer técnica que se limitar a objetividade de um mostrar, de um



fazer conhecer, simplesmente, mesmo maravilhosamente *costurando* tempos distantes, se tudo isto não vier acompanhado do *sentir*, da emoção que nos aperta as entranhas e ascende a memória, não conseguiremos atingir, de maneira nenhuma, nossos aprendentes. Seremos *passado*, passando por eles, esquecidos, fora de suas memórias, e, com a nossa nulidade de existência nas vidas de nossos alunos, irá todo um trabalho que poderia acrescentar uma força sem igual em suas existências.

As vidas mudam, as realidades mudam. Somos um somatório de mudanças constantes. Assim *funciona a História*. Mas o sentimento permanece. Devemos mudar constantemente nossos métodos, acompanhando as mudanças (mas tecnologia nova não é, e nunca foi, sinônimo de uma excelente aula). Mas ensinando a não esquecer o *sentir as mudanças*.

REFERÊNCIAS

2001: A SPACE ODYSSEY. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/2001:_A_Space_Odyssey>. Acesso em 25.03.2013.

2001: A SPACE ODYSSEY TRAILER (RE-EDIT). Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=tIa69rsDxsk> >. Acesso em 09.09.2011.

300. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/300_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/300_(filme))>. Acesso em 25.03.2013.

DICIONÁRIO Informal. Dicionário de português gratuito para internet, onde as palavras são definidas pelos usuários: uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português.

Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/insight/>>. Acesso em: 25.03.2013.

DINOSSAURO. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Dinossauro_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dinossauro_(filme))>. Acesso em 25.03.2013.

CATARINO, Dílson. Disponível em: <<http://dilsoncatarino.blogspot.com.br> > Acesso em 23.03.2013.

CATARINO, Dílson. Disponível em:

<http://www.gramaticaonline.com.br/texto/783/Poética,_de_Vinicius_de_Moraes >. Acesso em 23.03.2013.

IL BUONO, IL BRUTTO, IL CATIVO. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Il_buono,_il_brutto,_il_cattivo>. Acesso em 25.03.2013.

IMMEDIAT MUSIC. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Immediate_Music>.

Acesso em 25.03.2013.



LIGERTWOOD, Brooke Gabrielle Fraser. Disponível em: <
<http://www.youtube.com/watch?v=LPu7VvTH6jM> >. Acesso em 09.03.2013.

MY 3D ANIMATION OF BIG BANG THEORY. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=YJK9x1Ffhw> >. Acesso em 09.09.2011.

PLAYING FOR CHANGE. Disponível em:
<<http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/2641175/playing-for-change-songs-around-the-world>> . Acesso em 25.03.2013.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Editora Scipione, 2009.

STAND BY ME, para Playing For Change, Song Around the World. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=Us-TVg40ExM>>. Acesso em 09.09.2011.

WIKIPÉDIA. Enciclopédia livre construída por milhares de colaboradores de todas as partes do mundo. Este é um site baseado no conceito de Wiki Wiki (o termo significa "extremamente rápido" no idioma havaiano): qualquer internauta pode editar o conteúdo de quase todos os artigos acionando o link "Editar" (nas abas de conteúdo) que é mostrado em quase todas as páginas do site. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Brooke_Fraser >. Acesso em: 22.03.2013.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Reuben>. Acesso em: 24.03.2013.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Esquete>>. Acesso em: 22.03.2013.

WIKIPÉDIA. Disponível em:
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Everything_You_Always_Wanted_to_Know_About_Sex*_\(*But_Were_Afraid_to_Ask\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Everything_You_Always_Wanted_to_Know_About_Sex*_(*But_Were_Afraid_to_Ask)) >. Acesso em: 24.03.2013.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Woody_Allen>. Acesso em: 24.03.2013.

Recebido em Julho de 2013
Aprovado em Agosto de 2013